

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE HISTÓRIA BACHARELADO

Maria Vitória Dias Collares

WRITING TO NOBODY: PRIVACIDADE E PRÁTICAS DE ESCRITA
FEMININA NA INGLATERRA DO SÉCULO XVIII A PARTIR DA
ESCRITORA FRANCES BURNEY

Santa Maria, RS

2023

Maria Vitória Dias Collares

***WRITING TO NOBODY*: PRIVACIDADE E PRÁTICAS DE ESCRITA FEMININA NA
INGLATERRA DO SÉCULO XVIII A PARTIR DA ESCRITORA FRANCES BURNEY**

Trabalho de Conclusão de Graduação
apresentado ao Curso de História
Bacharelado, da Universidade Federal de
Santa Maria (UFSM, RS), como requisito
parcial para a obtenção do título de
Bacharel em História

Orientador: Prof. Dr. Adriano Comissoli

Coorientador(a): Profa. Dra. Natacha Klein Käfer

Santa Maria, RS

2023

Maria Vitória Dias Collares

WRITING TO NOBODY: PRIVACIDADE E PRÁTICAS DE ESCRITA FEMININA NA INGLATERRA DO SÉCULO XVIII A PARTIR DA ESCRITORA FRANCES BURNEY

Trabalho de Conclusão de Graduação apresentado ao Curso de História Bacharelado, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em História.

Aprovado em 15 de dezembro de 2023

Adriano Comissoli, Dr. (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Natacha Klein Käfer, Dra. (University of Copenhagen)

Natália da Silva Perez, Dra. (Erasmus University Rotterdam)

Santa Maria, RS
2023

AGRADECIMENTOS

Uma vez minha madrinha me disse: “Esta conquista é tua, mas sabemos que nada se faz sozinho”. Assim sendo, novamente, a conquista é minha, mas nada até aqui se construiu sem o apoio de pessoas essenciais. Portanto, antes de qualquer pessoa, agradeço infinitamente à minha mãe, Fernanda. Por, há 4 anos atrás, ter ficado feliz pela minha escolha de cursar História, por nunca, em momento algum, ter duvidado de mim. Por nunca ter medido esforços para me ver realizando o meu sonho, por todas as alegrias com as conquistas e todos os açaís para eu me sentir melhor em meio ao caos dos fins de semestre. Pelo amor incondicional. Por esses e tantos outros, obrigada mãezinha.

Ao meu irmão, Pedro Henrique, por compreender as tantas vezes que recusei jogar videogame, pois estava estudando. Ao meu pai, Fábio, pelo esforço para me ajudar a me manter em Santa Maria durante esse período de graduação. À minha madrinha, Arlene, por todo o incentivo, apoio e amor. Ao meu companheirinho felino, Tobias, que muito dormiu ao meu lado enquanto eu escrevia. Às minhas amigas de sempre e para sempre, Natália e Manuella, pela torcida e apoio mesmo que, por muitas vezes, de longe.

Agradeço aos professores que me ajudaram a chegar até aqui, tanto os da graduação quanto os do ensino básico, entre esses, em especial ao professor Alisson, que me acompanhou durante todo o Ensino Médio, por ter sido e ser até hoje um dos meus maiores exemplos de educador. Ao meu orientador, Adriano, por ter acolhido a ideia de quem no 5º semestre chegou na tua sala falando em fofocas e na série *Bridgerton*. Acabei encontrando um tema que sou apaixonada no meio do caminho. Obrigada pela orientação e pelos conselhos. À Natacha, por ter aceitado coorientar este trabalho e por toda disposição que sempre teve.

E, por fim, mas de forma alguma menos importante, aos melhores amigos que a graduação poderia ter me dado, Eduardo, Gabriel, Gisele, Marco e Robson. Obrigada por cada risada, por cada perrengue, cada nervosismo compartilhado e cada conquista vibrada em conjunto. Obrigada pela nossa união. Obrigada por terem tornado a caminhada mais leve.

RESUMO

WRITING TO NOBODY: PRIVACIDADE E PRÁTICAS DE ESCRITA FEMININA NA INGLATERRA DO SÉCULO XVIII A PARTIR DA ESCRITORA FRANCES BURNEY

AUTORA: Maria Vitória Dias Collares

ORIENTADOR: Adriano Comissoli

O presente trabalho tem por objetivo analisar as práticas de escrita privada da jovem aristocrata do século XVIII, Frances Burney, ou seja, seu diário e suas cartas. Assim, são aqui abordados temas que se configuram essenciais para podermos tratar de tal assunto, como educação feminina no século XVIII, especialmente na Inglaterra, privacidade, a escrita em diários e a prática epistolar. Esta pesquisa parte da ideia de verificar os pensamentos e sentimentos de uma mulher, inserida na sociedade aristocrática da Inglaterra do século XVIII, que almejava se tornar escritora. Para tal, optou-se por analisar seus escritos em seu diário e suas cartas no período entre 1768 a 1788. Portanto, através deste trabalho, pudemos perceber a tensão entre regras da sociedade da época e as aspirações de uma jovem inglesa que desde já sabia articular-se entre privado e público, bem como o que e para quem escrever.

Palavras-chave: Diário. Cartas. Escrita feminina. Práticas de escrita. Privacidade.

ABSTRACT

WRITING TO NOBODY: PRIVACY AND FEMALE WRITING PRACTICES IN THE EIGHTEENTH-CENTURY ENGLAND FROM THE WRITER FRANCES BURNEY

AUTHOR: Maria Vitória Dias Collares

ADVISOR: Adriano Comissoli

The present work aims to analyze the private writing practices of the young 18th century aristocrat, Frances Burney, that is, her diary and letters. Thereby, topics are discussed here that are essential for us to be able to deal with this subject, such as female education in the 18th century, especially in England, privacy, diaries writing and epistolary practice. This research starts from the idea of verifying the thoughts and feelings of a woman, inserted in the aristocratic society of 18th century England, who aimed to become a writer. To this end, was chosen to analyze her writings in her diary and her letters in the period between 1768 and 1788. Therefore, through this work, we were able to perceive the tension between the rules of society at the time and the aspirations of a young English woman who already knew articulate herself between private and public, as well as what and who to write to.

Keywords: Diary. Letters. Female Writing. Writing Practices. Privacy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1: EDUCAÇÃO FEMININA NA MODERNIDADE.....	12
CAPÍTULO 2: O DIÁRIO DE FRANCES BURNEY.....	17
CAPÍTULO 3: AS CARTAS DE FRANCES BURNEY.....	26
CONCLUSÃO.....	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	38

INTRODUÇÃO

Frances Burney, ou Madame D'Arbly, segunda filha de Charles Burney, mais conhecido como Dr. Burney, nascida em 13 de junho de 1752 em *Norfolk*, Inglaterra, foi uma escritora que alcançou o sucesso a partir de suas quatro principais obras: *Evelina* (1778), *Cecilia* (1782), *Camilla* (1796) e *The Wanderer* (1814). Frances era a terceira filha entre 6 irmãos. A primogênita era Esther, seguida de James, Frances, Susanna (Susan), Charles e a caçula, Charlotte. Eles eram uma família turbulenta, brincalhona e imaginativa. Viveram primeiro em *Poland Street*, no centro do movimentado *West End*, depois na mais tranquila *Queen Square*, numa casa grande e elegante. Esther (também conhecida como “Hetty”) destacou-se no Cravo¹ e aos dez anos já tocava diante de um público pagante. Susan também tinha um bom ouvido para música e cantava muito bem. O pai deles, Charles Burney, inspirou neles todos o amor pelos livros; até mesmo James, que era mais matemático do que leitor e que foi mandado para o mar aos dez anos de idade.

No entanto, segundo Chisholm², foi Frances (ou “Fanny”, como era chamada por sua família) quem mais cultivou suas chances de vida de sucesso como uma das filhas do sociável Dr. Burney. Como seu pai era um músico conhecido e de prestígio, ao longo da sua vida, Frances conheceu vários artistas e intelectuais, como o lexicógrafo Dr. Samuel Johnson, os dramaturgos Samuel Crisp e Richard B. Sheridan, e os atores David Garrick e Samuel Foote. Além disso, passou 5 anos de sua vida na Corte como Guardiã de Vestes da Rainha Charlotte³, esposa do Rei Jorge III da Inglaterra (1760-1820)

Desde nova, Frances Burney desenvolveu habilidades de escrita, no entanto, antes de vir a se tornar uma escritora de literatura, ela manteve um diário e comunicou-se por meio de diversas correspondências com familiares e amigos. Sua carreira literária então teve início com a publicação anônima de *Evelina, Or the History of a Young Lady's Entrance into the World*. Nesta obra, a trajetória da jovem mulher abre a possibilidade de se examinar e refletir

¹ Cravo é a designação dada a qualquer dos membros de uma família europeia de instrumentos musicais de tecla, incluindo os grandes instrumentos chamados de *cravos*, que são o clavecino também chamado de clavicêmbalo. Em inglês, o instrumento é chamado de *harpsichord*. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Cravo_\(instrumento_musical\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Cravo_(instrumento_musical))>. Acessado em: 31 out. 2023.

² CHISHOLM, Kate. The Burney family. In: SABOR, Peter. **The Cambridge Companion to Frances Burney Edited by Peter Sabor**. Nova Iorque, Cambridge University Press. 2007. p.09.

³ RODRÍGUEZ, Carmen M^a Fernández. Frances Burney and female friendships: some notes on *Cecilia* (1782) and *The Wanderer* (1814). **Journal of English Studies**, vol. 9, pp.109-123. 2011.

acerca do contexto histórico, social e literário da Inglaterra do século XVIII.⁴ Sob essa perspectiva, o mesmo pode ser dito da própria autora, Frances Burney, através de suas escritas em seu diário e suas cartas.

Como aponta Anita Pacheco⁵, embora um historiador literário recente comece com a mesma premissa da década de 1920 ou década de 1930, que as primeiras escritoras modernas existiram em um contexto de uma estrutura social patriarcal e hierárquica, a injunção frequentemente citada de que as mulheres devem ser castas, silenciosas e obedientes e limitar seu trabalho criativo a agulhas e fios em vez de caneta e papel não podem mais ser considerados um delineamento preciso da participação das mulheres na cultura literária do início da modernidade. Portanto, ainda segundo a autora, a partir da década de 1970, historiadores literários vêm recuperando números significativos de textos de mulheres em ambas as formas, manuscritos e impressos.

Desta forma, este trabalho se propõe a analisar as práticas de escrita privada de Frances Burney, ou seja, seu diário e as suas cartas. Visto que, antes de publicar suas obras literárias e públicas, Burney manteve seu diário, no qual começou a escrever em 1768, onze semanas e um dia antes de seu aniversário de 16 anos, portanto, cerca de dez anos da publicação do seu primeiro livro. Neste, a autora relatava, principalmente, acontecimentos cotidianos e percebe-se sua capacidade de retratar diálogos inteiros, os quais reinterpretava e reconstruía detalhadamente em seu diário. Já quanto às suas cartas, a maioria era destinada a membros da família e amigos. Assim, analisar o diário e as cartas da futura escritora de literatura Frances Burney é uma maneira de nos aproximarmos de uma prática de escrita privada, exercida por uma mulher, inserida na sociedade aristocrática da Inglaterra do século XVIII. Além disso, seus escritos permitem termos acesso às suas opiniões, anseios, questionamentos e receios quanto a si mesma, sua família, seus conhecidos, a sociedade que estava inserida e quanto a tornar-se uma escritora pública.

Portanto, aqui estaremos estudando uma jovem Frances Burney, utilizando seus escritos em cartas e em seu diário de 1768 a 1778. Uma Frances ainda solteira, ainda morando com seu pai, mas que já se articulava na sociedade aristocrática inglesa do século XVIII. Considerando que o diário e as cartas se configuram como uma forma de escrita privada, este

⁴ RAMOS, Beatriz Rodrigues. *Evelina, de Frances Burney*: romance de educação. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo. 86 p. 2022.

⁵ PACHECO, Anita. *A Companion to Early Modern Women's Writing*. Cambridge, Cambridge University Press. 2002. p.78.

trabalho também irá abarcar privacidade e sua influência na escrita das mulheres inglesas do século XVIII a partir das considerações de diversos autores e também a partir da escrita da nossa principal fonte, Frances Burney.

Segundo Martine Van Elk⁶, ao longo do século, a separação conceitual do público e privado tornaram-se evidentes em diferentes domínios, inclusive na literatura, arte e arquitetura. Historiadores do início da arquitetura moderna nos Países Baixos e na Inglaterra apontaram a crescente importância dos espaços privados nas famílias burguesas ricas e de elite, criando mais divisões entre o público e o privado dentro do espaço já supostamente reservado da casa. Neste sentido, Van Elk utiliza a autora Virginia Woolf colocando que a mesma imaginou a mulher moderna escrevendo secretamente, escondendo sua atividade, mas seu objetivo final era obter reconhecimento público e dinheiro, o que mostra um interessante paradoxo.

Podemos observar esse indício de privacidade logo no início do diário de Frances Burney, onde ela menciona que passa as tardes praticando sua escrita na *Cabin*⁷, exceto nas vezes em que ela prefere o jardim. Para Woolf, como aponta Van Elk, um requisito essencial para ser autora era a posse desse espaço físico privado para escrita, como um quarto só seu, com fechadura na porta, permitindo à mulher escritora fechar as distrações da vida doméstica cotidiana, bem como as definições de sua sociedade e as expectativas dela como mulher.⁸ Essa ideia também é apresentada por Isabelle Lémonon Waxin⁹, que traz as divisões menos fixas das casas, como cortinas e biombo, também como locais de produção de conhecimento. Em seu trabalho sobre dinâmicas de produção de conhecimento privadas de Victorine de Chastenay, a autora coloca que, na mansão Chastenay, um biombo anunciava os aspectos multifuncionais da pequena sala onde Victorine e sua mãe se vestiam, liam e recebiam amigos. Por causa do biombo, Victorine podia manter alguma privacidade dos criados e dos pais (enquanto se vestia ou escrevia, por exemplo).

⁶ ELK, Martine Van. Early Modern Women's Writing – Domesticity, Privacy, and the Public Sphere in England and the Dutch Republic. In: HADFIELD, Andrew. O'CALLAGHAN, Michelle. **Early Modern Literature in History**. 2017. p.06.

⁷ *Cabin* é uma pequena construção com vista para o rio atrás de sua “casa dote” em King's Lynn. BURNEY, Frances. **Journals and Letters**. Penguin Classics, 2001.

⁸ PACHECO, 2002, p.79.

⁹ WAXIN, Isabelle Lémonon. From Behind the Folding Screen to the Collège de France: Victorine de Chastenay's Privacy Dynamics for Knowledge in the Making. In: KÄFER, Natacha. PEREZ, Natália. **Women's Private Practices of Knowledge Production in Early Modern Europe**. Londres, Palgrave Macmillan. no prelo.

Chastenay foi ensinada a respeitar os costumes da nobreza. Assim, ela mobilizou a ocultação como uma estratégia social que lhe permitiu prosseguir os estudos. Por trás da privacidade proporcionada por uma tela dobrável na pequena sala de estar, Chastenay escrevia em seu diário que ela desejava glória, expressando livremente suas emoções e motivações. Uma vez na sociedade, do outro lado daquela tela, ela assumiria um papel mais público, seguindo as diretrizes convencionais que ela também usou a seu favor.¹⁰

No entanto, Martine Van Elk destaca que a obra de escritoras é especialmente difícil de situar em relação à oposição entre o público e o privado. Dado o “estigma da impressão”, as mulheres frequentemente “publicavam” seus trabalhos em forma de manuscrito. Enquanto agora é geralmente reconhecido que tal circulação não deve ser vista como puramente privada, Elk acrescenta que a publicação impressa também não deve ser automaticamente associado ao domínio público, visto que os livros às vezes eram impressos para pequenos públicos e circulavam principalmente entre amigos. Posteriormente, observaremos que isso ocorreu com Frances Burney, que antes de publicar suas famosas obras, circulou seus escritos entre sua família e amigos.

O gênero, no entanto, também revela-se um fator determinante, justamente porque a separação do público e do privado teve consequências profundas para as representações do lar e do lugar das mulheres nele e, diante disso, é um lugar-comum que a separação das esferas limitava os modos de expressão das mulheres.¹¹ Pois, como ressaltam Natacha Klein Käfer e Natália da Silva Perez¹², por mais inseparáveis que as mulheres sejam dos processos históricos de produção de conhecimento, o trabalho intelectual das mulheres medievais e do início da modernidade ainda é considerado distinto, marcado por algo que o separa de seus contemporâneos masculinos. Segundo as autoras, um dos motivos dessa distinção deriva principalmente do acesso mais difícil das mulheres à “publicidade” pelo conhecimento que produzem, contudo, além disso, os ideais de feminilidade adequada centravam-se em castidade, modéstia, temperança e docilidade e cabe refletir até que ponto isso afetou como, quando e o que as mulheres do período moderno escreveram.

¹⁰ WAXIN, no prelo, p.18.

¹¹ ELK, 2017, p.09.

¹² KÄFER, Natacha Klein. PEREZ, Natália da Silva. Situating Women’s Private Practices of Knowledge Production in the Early Modern Context. In: KÄFER, Natacha. PEREZ, Natália. **Women’s Private Practices of Knowledge Production in Early Modern Europe**. Londres, Palgrave Macmillan. no prelo. p.04

CAPÍTULO 1: EDUCAÇÃO FEMININA NA MODERNIDADE

Primeiramente, cabe fazer algumas observações quanto à educação das mulheres no século XVIII, pois tanto a leitura quanto a escrita, não era destinada e nem prioridade para todas as mulheres. Como aponta Martine Van Elk, as escritoras inglesas eram comumente membros da nobreza ou da *gentry*, considerando que o grau em que as mulheres foram educadas na infância e na adolescência dependia do seu *status* social e de riqueza, como também do interesse de seus pais pela educação feminina.¹³

Segundo Angeline Goreau¹⁴, um dos impedimentos mais proeminentes para uma carreira literária era a visão amplamente difundida de que o conhecimento e, portanto, a literatura, pertenciam à esfera masculina. A autora coloca que, como as escritas de Juan Luis Vives demonstram, boa parte da educação das mulheres no século XVI era dedicada a instruí-las nos limites de sua esfera própria, ou seja, o círculo privado do lar, e impor nelas a importância de uma postura casta. Apesar de retratar um período anterior ao aqui estudado, confere-se a mesma realidade no século XVIII, quando Goreau traz que no começo do século XVIII, momento em que Lady Damaris Masham estava compondo sua obra *Occasional Thoughts in Reference to a Vertuous or Christian Life* (1705), as circunstâncias da educação das mulheres era ainda mais ou menos a mesma. “A informação e melhoria da compreensão é comumente muito pouco pensada em referência ao (nosso) sexo como um todo.”, ela observa.¹⁵

A preocupação e estranheza quanto a uma mulher escrevendo pode ser observada em uma das passagens do diário de Frances Burney, mais precisamente no mês de agosto de 1768, que relata uma conversa com Miss Young, amiga próxima da mãe de Frances. Nesta, Burney coloca que Miss Young a aconselhou a desistir do seu diário, alegando que era perigoso que seu pai ou alguém o pegasse. Burney defendeu-se dizendo que escrever para ela mesma seria incapaz de fazer mal algum e que seu pai era consciente de sua escrita e do que escrevia.

Ela diz que é o trabalho mais perigoso que os jovens podem ter – faz com que muitas vezes registrem coisas que não deveriam ser registradas, e sim

¹³ ELK, 2017, p.13-14.

¹⁴ GOREAU, Angeline. **The Whole Duty of a Woman**: female writers in seventeenth century England. Doubleday & Company, Nova Iorque, 1985.

¹⁵ GOREAU, 1985, p.08.

imediatamente esquecidas. Eu disse a ela que, como meu diário era apenas para minha própria leitura, ninguém poderia, com justiça, ou mesmo em senso, ficar zangado ou descontente por eu ter escrito qualquer coisa.¹⁶

Portanto, percebe-se que mesmo quando a mulher do século XVIII recebia uma certa educação literária, o ato de escrever ainda era visto como uma atividade contrária aos princípios de feminilidade, aos quais importavam muito mais a linha e a agulha do que a caneta e o papel. Ao mesmo tempo, há algumas questões interessantes. De um lado, o fato de ser uma escrita destinada a si e ao círculo familiar, de outro, a consciência e aprovação paterna.

Natália da Silva Perez¹⁷ traz a ideia de que, embora saibamos que o conhecimento literário e a prática da escrita não possam ser generalizados e sejam restritos às mulheres de elite, isso não necessariamente é um empecilho para estudar a prática da escrita feminina. Em seu trabalho, a autora se aproveita dessa condição para estudar o conhecimento privado e práticas dessas mulheres de elite no intuito de desvendar como essa produção privada de conhecimento era uma condição para reivindicar exclusividade e *status* para a sua prática.

Para isso, Perez utiliza a figura de Lady Jane Lumley, que viveu na Inglaterra na metade do século XVI como uma jovem de família nobre. Suas práticas de estudo foram fomentadas e moldadas pelas aspirações políticas de sua família, permanecendo o tempo todo dentro do círculo privado de sua família. Pelo que Lady Jane Lumley relata ao pai em carta, ela gostava dos estudos e se orgulhava de aprimorar suas habilidades, algo que ela conseguia fazer, pois tinha a seu alcance a privacidade e os recursos de um nobre familiar preocupado com a sua educação. O exemplo trazido pela autora demonstra como a educação era restrita às camadas mais nobres e, principalmente, o quanto o incentivo de familiares e amigos homens era necessário para a prática de conhecimento das mulheres. No caso de Frances Burney, isso é perceptível ao observarmos que, além de sua origem aristocrática, seu pai também era escritor e um grande entusiasta da educação literária e então perpassou isso para seus filhos, inclusive para as filhas mulheres. A maioria das escritoras, portanto, vieram de ambientes sociais que oportunizavam suficientes lazer, tempo e riqueza para proporcionar uma sólida educação literária.¹⁸

¹⁶ BURNEY, Frances. **Journals and Letters**. Penguin Classics, 2001. p.29.

¹⁷ PEREZ, Natália da Silva. Lady Jane Lumley's Private Education and Its Political Resonances. In: KÄFER, Natacha. PEREZ, Natália. **Women's Private Practices of Knowledge Production in Early Modern Europe**. Londres, Palgrave Macmillan. no prelo. p.23.

¹⁸ ELK, 2017, p.16.

Anita Pacheco¹⁹ também nos traz uma personagem que demonstra a prática de escrita das mulheres na modernidade. Elizabeth Bury, (1644-1720), nascida em uma família confortável, mas não aristocrática, dedicou-se sua vida a estudar “quase todas as coisas... tendo prazer contínuo em ler e conversar”. Após sua morte, seu marido imprimiu algumas partes de seu diário no qual escrevia pela manhã e à noite, registrando eventos diários.

Angeline Goreau, por sua vez, aborda uma das questões que se destacavam como o motivo pelo qual as mulheres hesitavam em publicar seus trabalhos: a modéstia feminina. É claro que, como a autora destaca, o senso de inferioridade e ilegitimidade intelectual que uma educação superficial poderia criar também se constituía como um dos impedimentos para a ambição literária das mulheres modernas, no entanto, a modéstia como um obstáculo surgia de maneira muito sutil e complexa. Buscando explicar o significado da palavra para a época, Goreau coloca que um homem modesto era aquele que apresentava um autocontrole judicioso, contudo, quando a “modéstia” era usada em relação a uma mulher, referia-se estritamente à castidade.

O autor anônimo de "*The Whole Duty of a Woman*" especificou que "a modéstia ... se espalha na vida, movimentos e palavras ... sua aparência, sua fala e o curso de todo o seu comportamento devem possuir uma humilde desconfiança de si mesmos, prefira estar disposta a aprender e observar, do que ditar e prescrever ... enquanto você valoriza sua reputação, nos mantém nas restrições desta virtude ... não dê ocasião para escândalo ou reprovação, mas deixe sua conversa servir de exemplo para outros ... Não deixe seus pensamentos nem seus olhos vagarem."²⁰

Percebe-se assim que deveriam controlar seus impulsos, controlar a si mesmas. Além disso, o conhecimento que as mulheres deveriam ter era restrito ao que fosse lhes dar uma boa reputação e, conseqüentemente, um bom casamento. Deveriam saber falar sobre diferentes assuntos, mas não sobre assuntos que pudessem espantar os homens. Deveriam estar dispostas a aprender, mas apenas o que convém ao seu gênero.

Em contrapartida, a autora também discorre sobre algumas mulheres que ascenderam como escritoras no início da era moderna. Dentre elas, destaca-se a escritora Aphra Behn (1640-1689), a primeira mulher inglesa a ganhar a vida com a sua caneta.²¹ Esta, teve 17 peças de teatro produzidas ao longo de dezessete anos, treze romances e diversas coleções de

¹⁹ PACHECO, 2002, p.82.

²⁰ GOREAU, 1985, p.10.

²¹ GOREAU, 1985, p.207.

poemas e traduções publicadas. Goreau defende que, sem dúvidas, a carreira de Aphra Behn significa um divisor de águas na história da escrita feminina.

Goreau então destaca outras mulheres escritoras do início da modernidade, antecedidas e inspiradas por Aphra Behn. Dentre elas, Batshua Makin²², que manteve uma amizade de longa data com Anna Maria van Schurman e uma correspondência literária com a mesma. Em 1673, reuniu os argumentos de Schurman com a sua própria experiência literária e ideias sobre a educação feminina e publicou uma obra bastante polêmica intitulada *An Essay to Revive the Antient Education of Gentlewomen in Religion, Manners, Arts and Tongues*, publicada anonimamente. Lady Masham (1658-1708), por sua vez, publicou em 1696 uma resposta ao argumento teológico apresentado por Mary Astell e John Norris intitulado *Letters Concerning the Love of God*. Sua resposta, *Discourse Concerning the Love of God* foi publicada anonimamente e a autoria atribuída a John Locke, amigo de Masham. Em 1700 a escritora publicou a continuação do seu argumento, agora deixando ao menos o sexo da autoria bastante claro, embora tenha optado por não assinar seu nome. Contudo, Goreau ressalta que, apesar da admiração e apoio dos homens mais próximos à Lady Masham, ainda assim ela sentiu uma pontada de desaprovação social. Elizabeth Singer Rowe (1674-1737) embora tenha publicado suas obras anonimamente, era amplamente conhecido que as obras pertenciam a ela e assim a escritora desenvolveu um grande círculo de admiradores. Elizabeth Singer recebeu grande apoio de seu pai, Thomas Rowe, que ficou admirado com as habilidades literárias da filha e deu-lhe importante incentivo.

Aqui, percebemos a partir das autoras Angeline Goreau, Martine Van Elk, Natacha Klein Käfer e Natália da Silva Perez, mulheres essas que escreveram sobre mulheres que escreviam, que quando o trabalho intelectual feminino atingia um público mais amplo via impresso, dependia geralmente de uma combinação de *status*, conexões, e quão bem suas ideias se encaixavam nas normas esperadas e nas tradições acadêmicas.²³ Inclusive, quando essas mulheres conseguiam fazer suas obras circularem para além do círculo privado de familiares e amigos, optavam por publicá-las de forma anônima, muitas vezes, inclusive, sem ao menos dar a entender o sexo de autoria.

²² Data de nascimento e morte não mencionadas.

²³ KÄFER, Natacha Klein. Situating Women's Private Practices of Knowledge Production in the Early Modern Context. In: KÄFER, Natacha. PEREZ, Natália. **Women's Private Practices of Knowledge Production in Early Modern Europe**. Londres, Palgrave Macmillan., no prelo. p.06.

Burney, por sua vez, como observa Vivien Jones, utilizou a publicação anônima de seu primeiro romance, *Evelina*, para se identificar no início de sua carreira com uma tradição de romance masculina e não feminina. Tanto que, as únicas pessoas que sabiam a verdadeira identidade de Burney como autora eram sua irmã Susan e seu irmão, que foi quem a ajudou a ter o romance publicado. A autora coloca que é sem dúvida verdade que a decisão de Burney de publicar anonimamente nasceu de uma mistura de timidez inerente e aprendida, sua timidez natural reforçada pelas convenções da propriedade feminina e pelo terror da humilhação pública e das críticas, principalmente do seu pai. Mas é também verdade que ela usou de seu anonimato como poderosa estratégia. O anonimato permitiu a Burney transcender o gênero no interesse de garantir uma leitura imparcial da sua obra. O real golpe, como coloca Jones, tanto para as mulheres quanto para a ficção, seria revelar a autoria feminina de *Evelina* apenas quando o sucesso crítico estivesse garantido, o que de fato ocorreu.²⁴

Sob essa perspectiva, pode-se constatar que, como dito anteriormente e exposto pela personagem central deste trabalho, o apoio vindo do gênero masculino era indubitavelmente importante. Assim como o reconhecimento do público masculino, pois como observa Mary Paul, por mais que as leitoras do sexo feminino fornecessem uma audiência quantitativa, os leitores do sexo masculino forneciam uma audiência qualitativa²⁵, e era do reconhecimento dos críticos homens que Burney necessitava para se firmar como uma legítima escritora de romance.

²⁴ JONES, Vivien. Burney and Gender. In: SABOR, Peter. **The Cambridge Companion to Frances Burney** Edited by Peter Sabor. Nova Iorque, Cambridge University Press. 2007. p.117.

²⁵ PAUL, Mary. Frances Burney's Marketing of *Evelina* to a Gendered Market. In: PAUL, Mary. **Marketing Women's Writing in Eighteenth-Century England: the Consideration of Audience in the Works of Mary Astell, Lady Mary Wortley Montagu, and Frances Burney**. Dissertação (Mestrado em Inglês). Fresno. 101 p. 2005. p.53.

CAPÍTULO 2: O DIÁRIO DE FRANCES BURNEY

Como bem colocou Tânia Regina de Luca²⁶, a escrita, como ferramenta de uso social, pode salvar do esquecimento e fixar no tempo vestígios do passado, e assim, escrever se constitui em uma forma de produção de memória e, conseqüentemente, em instrumento de construção do passado. Ainda segundo a autora, foi a partir de 1980, com a proposta da História Cultural, que os diários pessoais passaram a ser vistos como documentos valiosos a partir dos quais se torna possível “capturar sensibilidades do passado”, pois, como toda escrita pessoal, eles são atravessados pelas tensões e dilemas do mundo em que se inserem. Sob essa perspectiva, a partir dos diários, pode-se compreender as práticas culturais de uma época, bem como colaboram para o entendimento de vidas comuns, pensamentos, angústias, desejos e questionamentos. Esses documentos de escrita pessoal entram em cena como fonte histórica por conterem registros de práticas sociais que partilham da constituição de um regime de historicidade²⁷, ou seja, expõem as formas de como os indivíduos em sociedade tratavam seu dia a dia, naquele determinado momento da escrita.

Durante a modernidade, interioridade, individualidade, intimidade e sigilo têm sido vistos como novas conquistas do início do período e, embora o registro espiritual seja o mais comum para a época, ele não é o único. Como destaca Amanda Vickery²⁸, o conteúdo religioso predomina nos primeiros manuscritos femininos modernos, definitivamente, mas isso pode ser uma função do que sobreviveu em oposição ao que foi escrito, visto que as famílias estavam mais dispostas a armazenar registros que demonstrassem piedade exemplar do que aqueles que detalhavam uma competência comum ou uma apreciação entusiástica do mundo. Outros gêneros de escrita privada do período incluíam o livro de lugar-comum, o relatório de progresso secular encorajado pela literatura de conduta georgiana e pelo livro de contas. Ainda conforme a autora, ao adquirir um diário, os indivíduos demonstravam que faziam parte da expansão da nação alfabetizada, metódica e civilizada e, para além disso, os diários representavam um equilíbrio entre a mesmice e a autoexpressão, uma certa atenção às pequenas diferenças dentro da conformidade.

²⁶ LUCA, Tânia Regina de. Diários pessoais – Territórios abertos para a História. In: PINSKY, Carla. **O Historiador e suas Fontes**. São Paulo, Contexto, 2009.

²⁷ LUCA, 2009, p.253.

²⁸ VICKERY, Amanda. A Self off the Shelf: The Rise of the Pocket Diary in Eighteenth-Century England. **Eighteenth-Century Studies**, 2021, vol. 54, no. 3. pp. 667–86.

Em contrapartida, como destaca Tânia Regina de Luca, apesar dos diários, memórias, *livres de raison*, constituírem-se como procedimentos comuns da escrita pessoal nos séculos XVII e XVIII, ainda não havia uma consciência do “eu privado” nos moldes que conhecemos hoje. Constituíam-se de escritas feitas, em sua maioria, por homens, e eram “produtos da escritura individual de personalidades públicas sobre a repercussão de seus atos, o brilho da própria glória, ou sobre homens e fatos dos quais foram testemunhas privilegiadas”²⁹. Para exemplificar, a autora cita as *Confissões de Rousseau*, que, em sua visão, apresentam o pensamento do autor e entrelaçam vida e obra em forma de relato memorialista.

Indo de acordo com o raciocínio de Tânia Regina de Luca, a autora Amanda Vickery em seu trabalho que utilizou os diários de bolso como fontes, coloca que os mesmos são, de longe, a forma mais comum de escrita pessoal que encontrou, contudo, quase inteiramente negligenciado como gênero de escrita. Era uma forma híbrida, ao mesmo tempo, uma publicação e potencialmente um manuscrito pessoal. Foi, portanto, apenas na segunda metade do século XIX, período no qual se firmaram as concepções sobre a esfera privada, que o diário pessoal se estabeleceu como um novo gênero, inicialmente literário e, aos poucos, se consolidou como uma prática social e educativa recomendada e adotada essencialmente pelas “senhoritas”, “mulheres” burguesas e aristocráticas que tinham acesso à alfabetização.

Assim sendo, Luca afirma que a significativa produção de diários pessoais coincide com a ascensão política e social da burguesia e com o conseqüente desenvolvimento da vida urbana, ou seja, a vida nas cidades, ambos aliados aos progressos de alfabetização feminina a partir dos finais do século XIX. A casa burguesa com seus espaços individualizados, em especial com o favorecimento de um lugar privado para escrever, criava um refúgio para a intimidade. Dessa forma, pode-se observar que a condição material permitiu e, sobretudo, estimulou a escritura do diário íntimo, bem como colocado por Martine Van Elk e Isabelle Lémonon Waxin. Luca então traz que a afirmativa de que o diário é uma forma de escrita praticada por mulheres burguesas pode ser respaldada quando se tem em vista que, em contrapartida, as mulheres das classes populares ficavam geralmente excluídas, pois careciam de condições que lhes garantissem maior intimidade ou isolamento, além de terem pouco acesso à escolarização. A partir dessa colocação, pode-se perceber que na Inglaterra a realidade não era muito diferente, visto que, como colocado anteriormente, a alfabetização ficava, normalmente, restrita às mulheres da *gentry* e da nobreza.

²⁹ LUCA, 2009, p.255.

Em 1840, quando Frances Burney faleceu, além de suas obras literárias, deixou para trás sete volumes dos seus diários pessoais em perfeito estado. Segundo Susan Civalé³⁰, além de estarem intactos, tais diários foram propositalmente preparados para a imprensa e então quando foram impressos, dois anos após sua morte, transformaram a recepção póstuma de Frances Burney.

Cativando a imaginação pública vitoriana com relatos em primeira mão de uma mulher georgiana que passou do anonimato à celebridade literária, conviveu com literatos de sua época e assumiu um cargo na corte do rei George III, seu diário foi instantaneamente um sucesso. Ao mesmo tempo, abriu a porta para críticos para reavaliar esta romancista à luz de sua vida privada.³¹

O diário de Frances Burney foi o primeiro diário de uma mulher a ser publicado e foi, como é até hoje, capaz de suscitar em seus leitores uma mistura de curiosidade, ansiedade, carinho e intimidade. Burney visualizou e planejou a publicação de seu livro pessoal, portanto, antes de sua morte, deixou instruções explícitas de deixar todos os seus manuscritos sob a custódia de sua sobrinha, Charlotte Barrett. Burney a permitiu que abreviasse livremente, mas proibiu a adição de qualquer coisa. De acordo com Civalé, Burney desejava que seu diário permanecesse não diluído pelas palavras de outros, talvez também tenha presumido que julgasse melhor seus leitores do que outras pessoas fariam.³² Segundo John Wiltsire³³, o *Journal and Letters* de Frances Burney inaugurou uma tradição, nos quais uma narrativa autobiográfica, era feita vagamente à maneira de um romance epistolar e foi construída a partir de diversos materiais, incluindo cartas de correspondentes.

Burney começa o seu diário relatando que precisava escrever para alguém que ela confiasse completamente e, assim, decide escrever à *Nobody*, ou seja, ninguém.

A quem, então, devo dedicar minhas maravilhosas, surpreendentes e interessantes aventuras? – a quem ousa revelar a minha opinião privada sobre as minhas relações mais próximas? os pensamentos secretos dos meus amigos mais queridos? minhas próprias esperanças, medos, reflexões e desgostos – Ninguém!³⁴

³⁰ CIVALE, Susan. The Literary Afterlife of Frances Burney and the Victorian Periodical Press. **Victorian Periodicals Review**, 2011, vol.44 no.3, pp.236-266.

³¹ CIVALE, 2011, p.236.

³² CIVALE, 2011, p. 237.

³³ WILTSHIRE, John. Journals and Letters. In: SABOR, Peter. **The Cambridge Companion to Frances Burney Edited by Peter Sabor**. Nova Iorque, Cambridge University Press. 2007.

³⁴ BURNEY, 2001, p.27.

Aqui, percebe-se que Burney tinha total noção de que havia coisas que deveriam ficar privadas. Foi então sob a proteção da vida privada que Burney sentiu que poderia relatar tais confissões. Como traz Isabelle Lémonon Waxin³⁵, algumas palavras, mesmo vindas de uma mulher nobre, não podiam ser aceitas pelas normas de gênero de sua época. Contudo, observa-se uma contradição por parte de Frances Burney, ao mesmo tempo que coloca que pode confiar suas opiniões privadas, esperanças, medos, reflexões e desgostos apenas a ninguém, suas confissões para *Nobody* logo se tornaram uma carta-diário, que passou a circular por um selecionado grupo de familiares e amigos.

Ela escreveu sobre suas próprias experiências copiosamente, até mesmo obsessivamente e colecionou “personagens” e incidentes famosos. John Wiltshire coloca que os escritos da vida de Burney existem simultaneamente em dois gêneros diferentes, como cartas e como registros históricos, compilados com um olhar semiconsciente para o futuro.

Wiltshire define muito bem o diário e as cartas de Burney ao abordar que esses documentos sintetizam, portanto, um paradoxo: são comunicações privadas que, ao mesmo tempo, ostentam as experiências de Burney e inserem seu autor na história. Abrigados dentro da família, são anúncios de uma pessoa que sentiu que suas próprias experiências eram intensamente importantes e, cada vez mais, assuntos de interesse público. Nesse caso, o termo amplo “diário” é usado para todos os escritos de sua vida, diários, cartas, “cartas-diário”, narrativas, etc.³⁶ Assim, percebemos que seus diários e suas cartas tensionam o privado e o público, visto que são, de fato, formas de escrita privada, contudo, a escritora manteve com o pensamento em uma publicação póstuma, ou seja, era ciente de que os escritos posteriormente se tornariam públicos.

Segundo Susan Civale, o *status* semi-privado deste documento exigiu um nível de autocensura, levando assim alguns críticos, como Harriet Blodgett a classificar o diário de Burney como “influenciado pelo leitor”, ao contrário daqueles que permaneceram completamente privados e inéditos.³⁷ O primeiro volume foi publicado em 1840 e intercalou os escritos em seu diário com cartas escritas por Burney, os volumes seguintes saíram em sequência, em intervalos entre 1840 e 1846.

³⁵ WAXIN, no prelo, p.14.

³⁶ WILTSHIRE, 2007, p.76.

³⁷ CIVALE, 2011, p. 238.

Brodie Waddell³⁸, ao trabalhar com os diários de Joseph Bufton, coloca que a sobrevivência do arquivo de Bufton não é apenas um feliz acidente, ele compilou seus cadernos com grande cuidado e, como mostra seu inventário de 1716, ele os via como uma coleção coerente de manuscritos, digno de preservação.³⁹ Portanto, embora em uma época anterior a de Burney e as escritas de Bufton serem menos sobre si e seus pensamentos mais íntimos e mais informações sobre coisas que lia, ouvia ou testemunhava, tanto Joseph Bufton quanto Frances Burney praticaram uma escrita privada e visualizavam a posterioridade de suas obras, ou seja, uma escrita privada que anseia ou vislumbra o diálogo com o público.

No entanto, Civale chama a atenção para a relação entre a publicação do diário e o gênero feminino, colocando que devido à natureza pessoal da escrita da vida e da geração de preconceitos que acompanhavam a autoapresentação pública das mulheres, a publicação do Diário e Cartas de Madame D'Arblay dificultou a recepção literária de Burney, pois permitiu aos leitores confundir a categoria do literário e do pessoal.⁴⁰ A partir do diário, eles poderiam agora avaliar tanto Burney, a autora, quanto Burney, a mulher, comparando seu comportamento com padrões contemporâneos variados de feminilidade e cumprimento do papel feminino.

No próprio ato de distribuir seu diário para consumo público, uma mulher pode já estar ultrapassando seus limites. Esferas de ideologia separadas afirmaram que a mulher atua como facilitadora e fonte de redenção moral dentro da casa de sua família. Aplicando as qualidades de pureza dadas por Deus, gentileza, bondade e paciência, ela deve elevar e apoiar seus pais e irmãos ou seu marido e filhos. Seus deveres e, implicitamente, seus status e valor são definidos afetivamente, por meio de sua relação emocional com aqueles ao redor.⁴¹

O diário de Burney não se enquadrava em um gênero autobiográfico, nem aderiu completamente às convenções da tradição de memórias domésticas que privilegiava uma “trama feminina”, com um “foco doméstico” de autoconstrução. Portanto, com a publicação de um diário que não poderia ser classificado como autobiografia ou um livro de memórias domésticas, ela, por ser uma mulher, poderia ser vista como se estivesse desempenhando papéis para se tornar a atriz principal, violando assim seus deveres e expondo seu ego. No entanto, aqui cabe trazer justamente o conceito de “egodocumentos” abordado por Michäel

³⁸ WADDELL, Brodie. Writing History from Below: Chronicling and Record-Keeping in Early Modern England. *History Workshop Journal*, 2018, vol.85, pp. 239-264.

³⁹ WADDELL, 2018, p.16.

⁴⁰ CIVALE, 2011, p.239.

⁴¹ CIVALE, 2011, p.239.

Green.⁴² Segundo o autor, o surgimento dos chamados “egodocumentos” (que para serem classificados como tal precisam conter o pronome pessoal “eu”) no âmbito cultural demonstra a necessidade de documentar a vida privada de alguém, portanto, esses registros eram destinados ao uso pessoal, instruções para futuras gerações ou usados como justificativa social.

Os egodocumentos são fontes que revelam as percepções dos autores sobre vários aspectos da vida, incluindo, às vezes, seus pensamentos mais íntimos. Por essa razão, eles são uma fonte importante para o estudo da privacidade.⁴³

No diário, podemos encontrar passagens que expõem um certo sentimentalismo, por exemplo, em julho de 1768, onde escreveu sobre seu desejo de se apaixonar. Contudo, também vemos muitas questões acerca das “normas” que rondavam o gênero feminino, como em maio de 1769, quando Frances e sua irmã Esther vão visitar Miss Crawford (irmã de um dos pretendentes de Esther). Burney menciona em seu diário que as “leis do costume” tornam a visita necessária. “Oh, como eu odeio este vil costume que nos obriga a nos tornarmos escravos de nós mesmos! A vender a mais preciosa propriedade que possuímos, nosso tempo”.⁴⁴ Em seguida, reforça “Costume, que tão universalmente nos comanda”.⁴⁵ Em agosto do mesmo ano, retoma sua preocupação com a perda de tempo e se questiona por que não é permitido negar, assim como aceitar, receber visitas e conhecidos.

Questões de gênero estão fortemente presentes em seu diário, em maio de 1770, a escritora faz uma visita a cinco irmãs, três são casadas e duas solteiras (uma delas sendo mãe). Percebe-se Burney espantada com a criação do menino e então questiona: “A pobre criança pertence a um sexo suficientemente propenso a crueldade, é para as mulheres tão cedo assim encorajá-lo?”.⁴⁶

[..]eles o ensinaram a falar, como um papagaio, apenas as palavras que eles ditam; eles o fazem afetar a linguagem de um homem e depois se gabam de que nenhuma criança jamais falou como ele, e qual é o efeito dessa singularidade, senão fazê-lo parecer afetado, problemático e antinatural? Quão infinitamente mais amável é a simplicidade e a ingenuidade nativas com que as crianças nascem! Então permitem

⁴² GREEN, Michäel. Public and Private in Jewish Egodocuments of Amsterdam. In: BRUUN, Mette. GREEN, Michäel. NORGAARD, Lars. **Early Modern Privacy – Sources and Approaches**. Leiden, Brill. 2022. pp. 213-245.

⁴³ GREEN, 2022, p.213.

⁴⁴ BURNEY, 2001, p.31.

⁴⁵ BURNEY, 2001, p.31.

⁴⁶ BURNEY, 2001, p.35.

que ele se divirta à vontade com todos os insetos – Moscas, Borboletas – pobres animaizinhos – a tortura que ele deu a um dos últimos realmente me deixou tão doente que não consegui me recuperar a noite inteira.⁴⁷

Outro exemplo que expressa a preocupação de Frances acerca de gênero aparece em uma carta destinada a Samuel Crisp⁴⁸, onde a escritora relata:

[...]mas não há nenhuma espécie de ocasião para fazer concessões a você, que está tão pouco inclinado a superestimar nossos méritos, portanto, direi apenas que, embora eu prontamente permita a você uma superioridade geral sobre nós na maioria dos outros detalhes, mas em constância, gratidão e virtude, considero você indigno de toda competição ou comparação. As fugas e falhas das mulheres são mais frequentemente causadas por algum defeito na cabeça do que no coração, que é apenas revertido por você, de modo que onde somos fracas, você é perverso, agora o que é menos justificável?.⁴⁹

Na carta, podemos observar o repúdio de Burney, provavelmente, ao modo que as mulheres foram retratadas na peça de Samuel Crisp. Vale ressaltar que este era amigo próximo da família, principalmente de Frances Burney, ou seja, ela estava usando da sua posição como amiga de Crisp para criticar a forma como o dramaturgo representou o gênero feminino.

De maio a junho de 1775, Frances Burney foi cortejada por Thomas Barlow, membro de uma família a qual Esther, sua irmã, referiu-se como “muito estúpida”. Frances não gostou de Barlow, porém, sua avó e suas tias tentaram convencê-la a dar uma chance a ele, ameaçando-a do destino de solteira. Frente a isso, Burney coloca que preferia mil vezes morrer uma “velha solteirona” do que casar-se sem ser por afeição. E então, percebe-se que aqui mais uma vez ela parece valorizar algo privado acima das convenções sociais.

Unir-me para a vida com um homem que não é infinitamente querido comigo é o que eu nunca, nunca conseguiria consentir. A não ser, de fato, que eu fosse fortemente obrigada por meu pai. Eu agradeço a Deus com muita gratidão que ele não interferiu.⁵⁰

Sabe-se a autoridade que a figura masculina, principalmente a do pai, tinha no século XVIII e, aparentemente, Burney também tinha consciência sobre isso. Apesar disso,

⁴⁷ BURNEY, 2001, p.35.

⁴⁸ Samuel Crisp (1707-1783) foi um dramaturgo inglês conhecido pela peça *Virginia*, produzida em Drury Lane em 1754. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Samuel_Crisp. Acessado em: 28 set. 2023.

⁴⁹ BURNEY, 2001, p.43-44.

⁵⁰ BURNEY, 2001, p.60.

observamos Burney extremamente grata a seu pai por não forçá-la a casar com quem ela não achava adequado e nem amava. Neste quesito, podemos considerar que Frances Burney tinha uma certa autoridade, bem como controle de sua vida amorosa.

Embora alguns registros e estratégias literárias de Burney possam criar uma visão de que ela era uma mulher à frente de seu tempo, ainda estamos falando de uma mulher do século XVIII e seus relatos vão de encontro com o que foi demonstrado por Luca ao trabalhar com o diário de MRRH⁵¹, onde as informações aparentemente corriqueiras dadas pela mesma permitem pensar também em sutis maneiras de construção do feminino, perceptíveis pelas atividades e os aprendizados: “fazer crochê, limpar a casa, não sair desacompanhada à noite, responder com delicadeza as perguntas, sonhar em casar-se no mês de maio” – comumente descritas como tarefas a cumprir são, também, princípios de educação e práticas de civilidade desejadas que circulavam no período.⁵² Portanto, embora muitas vezes os relatos de Burney sejam focados justamente em questionar os costumes de feminilidade, reforçam para nós, que os costumes estavam lá e ajudam a caracterizar a sociedade inglesa do século XVIII.

Vivien Jones⁵³ coloca que, para os leitores modernos, pelo menos até a crítica feminista do século XX redescobrir e reinstaurar devidamente as mulheres escritoras. Jane Austen era considerada a primeira romancista a ter permissão no cânone literário, contudo, para os contemporâneos, foi Burney quem primeiro rompeu os preconceitos com gênero e gênero literário (os seus próprios e os de seus críticos) para alcançar um *status* canônico como praticante do novo gênero literário, no caso, o romance.

O modo mais conservador da feminilidade de Frances e sua seriedade intelectual combinava muito bem com a figura da decorosa mulher de letras, figura que em 1778 carregava considerável poder cultural. Como se sabe, o sucesso de *Evelina* (combinado com uma ajuda de seu pai) conseguiu com que Burney entrasse no salão *Hester Thrale's Streatham*, que incluía Samuel Johnson, Joshua Reynolds e Edmund Burke; isto também trouxe positiva impressão das importantes *Bluestockings*⁵⁴, Elizabeth Montagu, Elizabeth

⁵¹ Nome abreviado por Tânia Regina de Luca na obra Diários pessoais – Territórios abertos para a História. In: PINSKY, Carla. **O Historiador e suas Fontes**. São Paulo, Contexto, 2009. p.270.

⁵² LUCA, 2009, p. 270.

⁵³ JONES, 2007, p.111.

⁵⁴ *Blue Stockings Society* (Sociedade das Meias Azuis, em inglês) foi um movimento social e educacional informal de mulheres na Inglaterra em meados do século XVIII. A sociedade enfatizava a educação e a cooperação mútua. A sociedade foi fundada no início da década de 1750 por Elizabeth Montagu, Elizabeth Vesey e outras, como um grupo de discussão literária feminina, um passo revolucionário em relação às atividades tradicionais femininas, não intelectuais. Elas convidaram várias pessoas (mulheres e homens) para participar, incluindo o botânico, tradutor e editor Benjamin Stillingfleet. Uma história conta que Stillingfleet não era rico o suficiente para vestir o traje formal apropriado, que incluía meias de seda preta e, por isso, ele usava

Carter e Hester Chapone. No círculo *Bluestocking* particularmente, as escritoras receberam apoio ativo. Burney foi acolhida por círculos intelectuais nos quais o gênero importava, mas onde sempre esteve em tensão com um padrão de gosto literário aparentemente sem gênero. Portanto, percebe-se a importância do papel desempenhado pelo gênero ao longo de toda a carreira de Burney e que a mesma foi, também, inseparável de questões de gênero literário, bem como de sociabilidade literária.

meias cotidianas de lã azul. O termo passou a se referir à qualidade informal das reuniões. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Blue_Stockings_Society>. Acessado em: 18 out. 2023.

CAPÍTULO 3: AS CARTAS DE FRANCES BURNEY

Como coloca Adriana Angelita da Conceição⁵⁵, a carta é um produto social e cultural e foi criada com o intuito de solucionar uma das necessidades humanas, a comunicação, pois, através da escrita das cartas foi possível, durante séculos, a comunicação entre ausentes. Portanto, participar da prática epistolar é comunicar-se e, esta, abriga o sentido de *conversa* entre ausentes. Em sua tese intitulada “Sentir, escrever e governar: a prática epistolar e as cartas de D. Luís de Almeida, 2º Marquês do Lavradio (1768-1779)”, Conceição debruçou-se sobre o estudo das cartas de D. Luís de Almeida, onde, analisando-as, foi possível visualizar o 2º marquês do Lavradio para além de seu papel de vice-rei do Brasil, observando que o mesmo ocupou diversos papéis sociais que foram representados em suas cartas.

Além disso, Conceição destaca que foi possível conhecer um pouco mais do português setecentista, tendo contato com seus temores, incertezas e angústias, essencialmente ocasionadas pela sua função social. Neste caso, o exercício da função pública tem influência e é influenciado pelos afetos, pela vida íntima do indivíduo, há um entrelaçamento entre público e privado. No caso de Frances Burney, no recorte temporal aqui proposto, seus papéis sociais ainda eram enquanto filha, irmã e uma mulher nobre que circulava pela sociedade aristocrática e intelectual da Inglaterra do século XVIII. No entanto, ainda que não fosse nenhuma Marquesa, ou algo do tipo, Frances Burney ocupava papéis sociais que também lhe causavam temores, incertezas e angústias, assim como em D. Luís de Almeida, algo que podemos constatar através do seu diário e de suas cartas.

James Daybell⁵⁶, por sua vez, contrapõe duas cartas escritas por mulheres, no século XV e no século XVIII, consecutivamente. Escrita em meados do século XV, a carta ditada de Margaret Paston ao marido representa um pragmático modo de correspondência preocupado quase que exclusivamente com negócios. Apesar de alguns elementos de coloquialismo, o estilo formal da carta impede qualquer conteúdo emotivo ou afetivo. Por outro lado, a carta do início século XVIII escrita por Lady Mary Montagu para sua irmã é detalhada, bastante

⁵⁵ CONCEIÇÃO, Adriana Angelita da. **Sentir, escrever e governar: a prática epistolar e as cartas de D. Luís de Almeida, 2º Marquês do Lavradio (1768-1779)**. Tese (Doutorado em História). São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2011. p.32.

⁵⁶ DAYBELL, James. **Early Modern Women’s Letter Writing, 1450-1700**. Londres, Palgrave Macmillan. 2001.

arriscada e talvez intencionalmente humorística. Apresenta maior informalidade de propósito e se mostra mais intimista.

Menos interessada do que Margaret Paston em cartas como um meio de transacionar e transmitir instruções, Lady Montagu utilizou a correspondência como veículo para longas descrições, narrativas e textos de viagem. Forneceu uma saída criativa para uma mulher impelida a escrever e 'entreter' uma audiência.⁵⁷

Segundo o autor, a comparação desses dois exemplos aparentemente díspares de correspondência feminina indica, em certo nível, uma mudança na natureza das cartas como documentos ou textos do final da Idade Média e início da Idade Moderna. Momento de surgimento de formas epistolares mais pessoais e aumento da gama de usos privados, introspectivos e flexíveis para os quais as cartas foram empregadas. Por outro lado, evidenciam-se também as continuidades de certos aspectos da experiência feminina: a centralidade da família para a vida das mulheres e os padrões duradouros de relacionamentos. Mais significativo é o fato de que ambas as mulheres foram capazes de agir através de cartas, embora de maneiras muito diferentes: enquanto Lady Montagu escreveu sua própria correspondência, a carta de Margaret Paston foi escrita por Richard Calle, oficial de justiça dos Pastons.⁵⁸

Daybell coloca que as cartas se prestam a uma ampla gama de análises: históricas, literárias, lexicais, paleográficas e de gênero. Conceição, por sua vez, além de considerar ambas frentes de análise histórica e literária, agrega uma de pertinente importância: a análise social. Portanto, como documentos sociais voltados para estudos de gênero, elas são úteis como indicadores da alfabetização, qualidade dos relacionamentos familiares e outros, bem como interações sociais das mulheres em geral. Eles oferecem detalhes da vida das mulheres, seus papéis e seu envolvimento em uma variedade de atividades, sociais e religiosas, literárias e políticas. Estudados como textos ou amostras de escrita e material da cultura feminina, as cartas exibem exemplos de autoexpressão feminina.⁵⁹ No entanto, como o próprio autor coloca, o ato de escrever uma carta representa apenas uma pequena parte do processo de composição, um processo que demanda diversas outras habilidades, como conhecimento linguístico e verbal. Assim, retomamos o primeiro capítulo que aborda a educação feminina, a alfabetização era um ponto muito importante para a prática epistolar. É claro que, havia outra

⁵⁷ DAYBELL, 2001, p.02.

⁵⁸ DAYBELL, 2001, p.02.

⁵⁹ DAYBELL, 2001, p.03.

maneira, a carta ditada era uma possibilidade para as mulheres que não tinham domínio sobre a escrita. No entanto, quanto à carta ditada cabe refletirmos sobre o questionamento que Daybell levanta em sua obra: até que ponto uma carta escrita por outra pessoa, ainda que ditada, representa o que uma mulher realmente desejava que fosse escrito?.⁶⁰

As cartas de Frances Burney, eram, em sua maioria, destinadas a familiares e amigos. Uma das primeiras que tive acesso foi escrita para o seu pai, em forma de poema, em 23 de junho de 1769, quando Charles Burney conquistou seu doutorado em Música pela Universidade de Oxford.

To Doctor Last
 O aid me, ye muses of ev'ry Degree,
 O give me the standish of Mulberry Tree
 Which was cut for the Author of Ferney;
 O give me a Quil to the stump worn by Gray,
 And Paper which cut was on Milton's Birth Day
 To write to the great Doctor Burney!
 O Doctor! of Doctor's the Last and the Best
 By Fortune most honour'd, distinguish'd and blest
 And may you for ever be her nigh!.⁶¹

No entanto, ao compararmos com a carta destinada à sua irmã, Susana Burney, que se estende de agosto a setembro de 1773, é possível perceber que a carta escrita para seu pai tinha um tom muito mais formal. Para a sua irmã, Burney contou sobre sua viagem para Teignmouth, Devon, para visitar Maria e seu marido. Nesta, descreveu lugares, pessoas e os passeios que pretendiam fazer, relatou também agitação no mar durante a viagem e muito medo das grandes ondas. Percebe-se então um maior detalhamento na carta para sua irmã e menores preocupações quanto a formalidade da escrita comparado à carta destinada a seu pai, bem como podemos perceber que ela aborda suas vulnerabilidades para a irmã.

Talvez, isso possa demonstrar uma relação mais próxima com sua irmã do que com seu pai, o que podemos considerar que reforça essa ideia é a carta que Burney escreveu para Samuel Crisp, em 1 de dezembro de 1774 e também em 2 de março de 1775, nas quais todas

⁶⁰ DAYBELL, 2001, p.03.

⁶¹ BURNEY, 2001, p.32-33. Pequeno trecho do poema escrito por Frances Burney e enviado para seu pai. Para não quebrar a métrica e o sentido do poema, manteve-se o idioma original.

às vezes que se refere a seu pai, o chama de Mr. Burney.. Porventura, também, por questões de gênero, como Daybell traz em seu trabalho, o autor coloca que uma questão de interesse é até que ponto a maneira de escrita das mulheres foi afetada pelo gênero dos destinatários. Segundo o autor, esta questão é abordada, em particular, por Alison Wall, que em seu trabalho também explora a natureza da correspondência das mulheres com homens que não sejam seus maridos, e analisa se as mulheres escreveram de forma diferente a correspondentes masculinos. Além disso, James Daybell aponta que a escrita humanista de cartas manuais incentivava “o cultivo de um estilo fácil e íntimo, e a expressão de sentimentos individuais de afeto”, gradualmente suplantando formas epistolares medievais que acentuavam distinções entre superiores e subordinados dentro da família.⁶² Possivelmente, este ponto não estivesse completamente superado e seja um argumento que pode explicar a maior rigidez nas cartas de Burney para seu pai do que para sua irmã, visto que Charles Burney seria a figura “superior” da família.

Adriana Angelita da Conceição, por sua vez, utiliza Joseph Anduaga y Garimberti para demonstrar que, no século XVIII, o remetente deveria manter diante de si o destinatário, para que o processo de conversação fosse efetivado. Se pensarmos que Burney fez uso desse método ao escrever suas cartas, faz sentido considerarmos uma maior afinidade com sua irmã, visto que se analisarmos as cartas como forma de diálogo, as cartas para Susana possuem muito mais detalhes e viabilizam uma resposta tão detalhada e íntima quanto, enquanto o poema para seu pai nem abre possibilidade de resposta para que se caracterize como um diálogo.

Como aponta Jennifer Ward⁶³, o uso de cartas como comunicação familiar era bastante difundido entre mulheres nobres na modernidade, muitas vezes para fornecer notícias e informações. Apesar dos elementos convencionais e formais, a correspondência familiar lança uma luz considerável sobre a natureza dos relacionamentos. As cartas oferecem uma oportunidade de aprender sobre as personalidades da mulher nobre e também dos membros de sua família.⁶⁴ Portanto, as cartas dentro do núcleo familiar combinam convenções afetuosas com detalhes narrativos das notícias.

⁶² DAYBELL, 2001, p.06.

⁶³ WARD, Jennifer C. Letter-Writing by English Noblewomen in the Early Fifteenth Century. In: DAYBELL, James. **Early Modern Women's Letter Writing, 1450-1700**. Londres, Palgrave Macmillan. 2001.

⁶⁴ WARD, 2001, p.33.

Estes documentos também indicam a existência de amizades entre a nobreza, o que novamente pode ser difícil de identificar em documentos mais formais. Detalhes em cartas esclarecem a proximidade das amizades. No caso de Frances Burney, podemos observar através das cartas a sua amizade com Samuel Crisp, para quem escreveu significativamente. Portanto, observa-se que, para além do núcleo familiar, as cartas também serviam para manter contato com amizades. Assim sendo, podemos considerar que as cartas se constituem, essencialmente, como comunicações privadas, no sentido de que se relacionavam com um pequeno e muitas vezes inter-relacionado grupo de pessoas, bem como são capazes de fornecer uma visão pessoal sobre os correspondentes.

Agora, me proponho a analisar a escrita em suas cartas em datas próximas às escritas em seu diário, a fim de observarmos semelhanças ou discrepâncias no modo de escrever, bem como em suas emoções. Assim, ao compararmos a escrita no seu diário em 15 de junho de 1769, um pouco antes do poema enviado ao seu pai, percebemos que Frances não estava se sentindo tão bem. Em seu diário, Burney coloca “– Não me sinto de bom humor – vou sair e dar uma nova reviravolta no meu ânimo, e depois retomarei minha Pena”.⁶⁵ Portanto, se considerarmos que o humor pode afetar a escrita, isso explicaria o tom mais “frio” e formal do poema para seu pai, escrito apenas oito dias depois.

Em carta a Samuel Crisp no dia 2 de março de 1775, podemos observar sentimentos de Burney bem como opiniões. Vale destacar também, que Frances utiliza *My Father* e também Mr. Burney para se referir ao seu pai, então talvez não fosse um padrão utilizar apenas Mr. Burney. Em seguida, Frances coloca que “foi um tanto notável que esta seja a segunda cantora da Capital Female que enviou uma mensagem para *solicitar* o conhecimento de meu pai”.⁶⁶

Quanto ao Signor Colla, ele foi *tão* civilizado com meu pai! Tanto falava de sua *Fama* no Exterior, e do *ardente* Desejo que tinha da *Honra* de conhecer pessoa tão *célebre*!.⁶⁷

Em ambas passagens, podemos observar Frances expressando um sentimento de orgulho pelo seu pai, principalmente se levarmos em conta as palavras destacadas por ela (em itálico). Mais adiante na carta, Frances Burney expressa sua opinião sobre a cantora que havia conhecido.

⁶⁵ BURNEY, 2001 p.32.

⁶⁶ BURNEY, 2001, p.50. Grifado no original.

⁶⁷ BURNEY, 2001, p.51. Grifado no original.

Seu comportamento era muito correto [...] embora não fosse difícil perceber que ela poderia se comportar de outra forma [...]. Acredito que ela permite que Gabriella seja uma rival; todo o resto do mundo ela considera com desprezo. Ela não tem nem curiosidade de ouvir nenhum canto além do seu.⁶⁸

A partir deste trecho, constata-se que sua opinião privada não fica restrita apenas ao seu diário. Burney também as relata em carta, provavelmente, sua amizade com Samuel Crisp a deixa suficientemente confortável para expressar tal opinião, contudo, diverge de sua primeira escrita em seu diário, quando coloca que iria escrever para *Nobody*, pois era em quem poderia confiar, ou seja, ninguém.

Indo para a passagem de seu diário em 4 de março de 1775, apenas dois dias após a carta escrita para Samuel Crisp, Burney relata seu encontro com Mr. Bruce, na casa da família Strange.

Ele conheceu intimamente a Mrs. Strange durante toda a sua vida e é muito apegado a ela e sua família. Ele raramente passa um dia sem visitá-la; mas a senhorita Strange, que me contou muitas de suas singularidades, diz que ele geralmente é colocado como animal de estimação quando eles têm alguma companhia.⁶⁹

Aqui, podemos observar uma conversa privada entre Mrs. Strange e Frances Burney que Burney acabou por relatar em seu diário. Os relatos da conversa continuam na próxima página, onde Burney coloca

Na verdade, ela também me disse, ele tem sido muito maltratado pelos efeitos da curiosidade, pois muitas pessoas coletaram anedotas e observações dele e depois as imprimiram.⁷⁰

Além da conversa relatada por Burney, aqui é possível observar também as consequências de demonstrar um sentimento privado, nesse caso, a curiosidade. Já nos próximos escritos de Burney, deixamos de lado as conversas privadas e voltamos para suas observações e opiniões.

Se sua vaidade fosse metade do tamanho de seu *orgulho*, ele certamente se tornaria mais cortês se soubesse o quanto os sorrisos lhe agradam, pois quando ele *tem* prazer

⁶⁸ BURNEY, 2001, p.51.

⁶⁹ BURNEY, 2001, p.52.

⁷⁰ BURNEY, 2001, p.53.

em suavizar a severidade de seu semblante e permitir que suas feições relaxem e sorrissem, ele é outra criatura.⁷¹

A partir dessa colocação, já se pode ter uma noção da impressão de Burney sobre Mr. Bruce. Percebe-se, que novamente ela enfatiza algumas palavras, o que dá ao leitor ainda mais certeza de sua opinião sobre o recém-conhecido.

[...]até que minha mãe, percebendo-se pouco notada pelo Grande Homem, abandonou seu assento e foi se colocar ao lado da Mrs. Turner, dizendo: “Bem, irei sentar-me ao seu lado e deixarei o Sr. Bruce com as jovens moças”. Detesto sinceramente este tipo de discursos, que *obrigam* a ser notado; nada pode ser mais provocador.⁷²

Se considerarmos a fama de uma mulher extremamente tímida que Frances Burney possuía, é compreensível o fato dela detestar ficar lado a lado com um recém-conhecido e ser tão notada, como ela coloca. Ironicamente, não muito tempo depois se tornaria uma figura pública e reconhecida.

Não gostei nem um pouco, mas pensei que ele iria supor que eu tinha medo dele, se eu recusasse, então mudei de cadeira; mas fiz com que a Miss Strange se aproximasse de mim e então renovamos nossa conversa, para que ele não se considerasse obrigado a prestar mais atenção em mim.⁷³

Neste escrito, podemos perceber a aflição da escritora acerca da opinião de outra pessoa sobre ela. Aqui, ela precisou colocar o público à frente do privado, teve de se comportar de maneira que em seu íntimo não queria, devido a convenções sociais. Constatou seu desgosto à situação no privado, mas precisou se comportar de maneira cordial no público.

Observando seus relatos, tanto em sua carta destinada a Samuel Crisp no dia 2 de março de 1775, quanto em seu diário no dia 4 do mesmo mês, percebe-se que ela não faz muitas distinções acerca do que descreve em ambas formas de escrita. Apesar de imaginarmos que suas opiniões estariam presentes, majoritariamente, no seu diário, também as encontramos na carta para seu amigo.

Portanto, a partir do que foi exposto neste capítulo, foi possível observar que a maior diferença entre os escritos da carta e do diário se dá no relato das conversas entre Burney e

⁷¹ BURNEY, 2001, p.53.

⁷² BURNEY, 2001, p.53.

⁷³ BURNEY, 2001, p.53.

outras pessoas. Apesar de Frances ter descrito para Samuel Crisp como Signor Colla tratou seu pai e alguns elogios que fez a ele, o relato da conversa não teve tantos detalhes quanto teve em seu diário quando ela reconstruiu sua conversa com Mrs. Strange com as informações que a mesma deu a ela, e talvez, somente a ela. Além disso, o gênero não influenciou tanto os escritos de Burney quanto poderia se supor, visto que, apesar das cartas para sua irmã Susana serem bastante detalhadas enquanto para seu pai fora escrito apenas um poema, as cartas para seu amigo Samuel Crisp não são tão diferentes das destinadas à sua irmã. Assim sendo, conclui-se também que a proximidade entre Frances e o destinatário influenciava mais do que o gênero.

CONCLUSÃO

Como abordado inicialmente neste trabalho e demonstrado pelas autoras trazidas logo no primeiro capítulo a leitura e a escrita, na modernidade, eram quase exclusivamente destinadas às mulheres nobres e, ainda assim, quando exercidas, ficavam restritas ao âmbito privado. Como apontado anteriormente na conversa de Frances Burney com Miss Young retratada no diário de Burney, a expressão literária feminina era bastante contestada e julgada e, muitas vezes por isso, quando seus trabalhos intelectuais conseguiam avançar e superar essa circulação realizada apenas no meio privado, alcançavam isso de forma anônima, como foi o caso de Burney.

Além disso, cabe reforçar que os aprendizados das mulheres modernas eram majoritariamente focados no que iria lhes dar um bom casamento, dificilmente as famílias buscavam incentivar os estudos, conseqüentemente a leitura e a escrita, apenas pelo desenvolvimento intelectual de suas filhas. O que nos leva a mais um ponto importante, o apoio do gênero masculino. No caso de Frances Burney, foi seu pai quem incentivou seu amor pela leitura, o que posteriormente a levou a buscar refúgio na caneta e no papel.

A educação de Burney, no entanto, vai de encontro com o que Martine Van Elk coloca, que papéis de liderança em grandes famílias e na corte significavam que as mulheres nobres deveriam ter uma educação que lhes permitissem movimentar-se nos círculos políticos que faziam parte desse espaço.⁷⁴ Estes locais, apesar de suscitarem uma ideia de local “privado” eram também locais públicos no sentido de que o acesso não ficava restrito apenas a familiares e amigos. A casa de Frances Burney, por exemplo, foi local de muitas visitas e interações entre pessoas não necessariamente próximas, mas muitas vezes, de relevância social. Assim sendo, a educação que Burney recebeu foi de extrema importância para que ela soubesse articular-se entre o privado e o público.

Os diários, por sua vez, quanto fontes históricas nos mostram as práticas culturais de uma época, bem como nos relatam os pensamentos e sentimentos de um indivíduo e assim, adicionando os filtros necessários, como classe, raça e gênero, podemos considerar como era o pensamento de, pelo menos, parte de uma sociedade. Contudo, cabe lembrar que nos séculos XVII e XVIII, apesar de já bastante difundida a escrita de si, não havia ainda uma consciência do eu privado nos moldes que temos atualmente. No diário de Frances Burney,

⁷⁴ ELK, 2017, p.15.

portanto, podemos observar a partir dos seus relatos quais eram os pensamentos, sentimentos e vulnerabilidades de uma mulher, aristocrata, inserida na sociedade inglesa do século XVIII.

No entanto, o maior paradoxo do seu diário é a escrita dedicada a *Nobody* e a circulação do diário por entre um selecionado círculo de familiares e amigos. Assim, o diário de Burney tensiona o público e o privado no momento que ela coloca que poderia apenas revelar seus sentimentos e pensamentos mais íntimos, bem como conversas com terceiros à “ninguém” e, mesmo assim, opta por circular o diário.

Quanto às cartas, podemos concluir que, durante séculos, a prática epistolar permitiu o diálogo entre pessoas separadas pela distância. Como colocado pelos autores trazidos anteriormente, as cartas se prestam a uma ampla gama de análises: históricas, literárias, lexicais, paleográficas e de gênero. Além disso, assim como o diário, as cartas nos trazem a possibilidade de observar a privacidade. Nas cartas, era possível relatar angústias, anseios e incertezas, assim como detalhar acontecimentos cotidianos, como fazia Frances Burney.

Ao analisar as cartas de Frances Burney, observamos, portanto, que diversas questões emocionais podem afetar a escrita, por exemplo, o humor, e isso pode servir tanto para o diário quanto para as cartas. Visto que, a única carta localizada para seu pai no recorte temporal de 1768 a 1778 foi um poema, na intenção de parabenizá-lo pelo título de Doutor em Música e, nesta, Burney foi bastante formal, durante todo o poema chamou seu pai de Dr. Burney e em nenhum momento colocou suas emoções na escrita. Na comparação feita anteriormente com a escrita em seu diário numa data próxima, percebemos que Frances mencionou que não estava de bom humor.

As cartas mais detalhadas e íntimas eram, no entanto, para sua irmã Susanna. Nestas, Burney mencionava acontecimentos do dia, reconstruía conversas e relatava sua opinião. Além de sua irmã, Samuel Crisp também era o destinatário de cartas assim, detalhadas e intimistas. Assim, podemos considerar que o nível de proximidade se mostra mais relevante do que questões de gênero na forma da escrita de Burney em suas cartas. Inicialmente, poderíamos pensar que, o poema destinado a seu pai seja mais formal do que suas cartas para sua irmã, pois ela está tratando com seu pai, uma figura masculina e de autoridade na família, enquanto para sua irmã se trata de uma mulher assim como ela, que talvez compartilhe de opiniões parecidas e sentimentos convergentes. Contudo, as cartas destinadas a Samuel Crisp eram tão descritivas quanto as destinadas para sua irmã e, estamos tratando de um destinatário

do gênero masculino, assim sendo, a amizade entre Burney e Crisp e o nível de proximidade entre ambos influenciou mais na forma de escrita do que o gênero.

Assim, percebemos que Burney tinha muita consciência do que falar e para quem falar, ou melhor, do que escrever e para quem escrever. Aliás, podemos considerar que Frances sabia transitar entre público e privado muito bem. Indo no sentido da ideia trazida anteriormente por Perez⁷⁵, Burney não viu a sua escrita no âmbito privado como um empecilho, inclusive, usou desta estratégia de circular o diário por entre um grupo selecionado como, possivelmente, uma forma de “medir” suas habilidades de escrita.

Além disso, Burney pôde utilizar da sociabilidade de seu pai e, conseqüentemente, de sua família para estreitar laços com intelectuais da época. A partir disso, conseguiu benefícios como a amizade com o dramaturgo Samuel Crisp bem como entrar no salão *Hester Thrale's Streatham*, que incluía Samuel Johnson, Joshua Reynolds e Edmund Burke. Por conseguinte, garantiu seu lugar na sociedade das importantes *Bluestockings*, ao lado de Elizabeth Montagu, Elizabeth Carter e Hester Chapone. Portanto, para além da questão de ser uma boa escritora, mas também por ser de uma camada nobre da sociedade inglesa, Burney foi acolhida por círculos intelectuais nos quais o gênero importava.

Contudo, apesar do presente trabalho já nos responder algumas questões acerca das práticas de escrita privada das mulheres inglesas do século XVIII e da própria Frances Burney através de seus relatos, o tema ainda deixa diversas possibilidades em aberto. Uma delas seria a comparação entre os temas abordados em seu diário e em suas cartas com o conteúdo de suas obras, por exemplo, o gênero. Como demonstrado ao longo do trabalho, a questão do gênero está fortemente presente no diário de Burney, seria interessante observar se e de que forma este tema aparece em suas obras literárias.

Por fim, vale lembrar que aqui optou-se por tratar de uma Frances Burney jovem, ainda no desejo de se tornar uma escritora de sucesso, morando na casa de seu pai e solteira. Um recorte temporal além do aqui utilizado também seria interessante analisar. Por exemplo, logo após a publicação de *Evelina* que resultou na sua ascensão como escritora. Ou, mais adiante, durante o tempo que passou na Corte da Rainha Charlotte. Quais seriam seus temores e anseios? Ou suas opiniões e relatos sobre as novas pessoas com quem passou a conviver? O que mudou de uma jovem Frances Burney para uma Frances Burney esposa, mãe e que

⁷⁵ PEREZ, no prelo, p.23.

possuía um cargo real? Todas essas são questões válidas de pesquisa e possibilidades de estudos posteriores.

REFERÊNCIA DOCUMENTAL PUBLICADA

BURNEY, Frances. **Journals and Letters**. Penguin Classics, 2001.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHISHOLM, Kate. The Burney family. In: SABOR, Peter. **The Cambridge Companion to Frances Burney Edited by Peter Sabor**. Nova Iorque, Cambridge University Press, 2007.

CIVALE, Susan. The Literary Afterlife of Frances Burney and the Victorian Periodical Press. **Victorian Periodicals Review**, 2011, vol.44 no.3, p.236-266. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/236760729_The_Literary_Afterlife_of_Frances_Burney_and_the_Victorian_Periodical_Press>. Acessado em: 24 set. 2023.

CONCEIÇÃO, Adriana Angelita da. **Sentir, escrever e governar: a prática epistolar e as cartas de D. Luís de Almeida, 2º Marquês do Lavradio (1768-1779)**. Tese (Doutorado em História). São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2011.

DAYBELL, James. **Early Modern Women's Letter Writing, 1450-1700**. Londres, Palgrave Macmillan, 2001.

ELK, Martine Van. Early Modern Women's Writing – Domesticity, Privacy, and the Public Sphere in England and the Dutch Republic. In: HADFIELD, Andrew. O'Callaghan, Michelle. **Early Modern Literature in History**. 2017.

GOREAU, Angeline. **The Whole Duty of a Woman: female writers in seventeenth century England**. Doubleday & Company, Nova Iorque, 1985.

GREEN, Michäel. Public and Private in Jewish Egodocuments of Amsterdam. In: BRUUN, Mette. GREEN, Michäel. NORGAARD, Lars. **Early Modern Privacy – Sources and Approaches**. Leiden, Brill, 2022.

JONES, Vivien. Burney and Gender. In: SABOR, Peter. **The Cambridge Companion to Frances Burney Edited by Peter Sabor**. Nova Iorque, Cambridge University Press, 2007. p.117.

KÄFER, Natacha Klein. PEREZ, Natália da Silva. Situating Women's Private Practices of Knowledge Production in the Early Modern Context. In: KÄFER, Natacha; PEREZ, Natália. **Women's Private Practices of Knowledge Production in Early Modern Europe**. Londres, Palgrave Macmillan, no prelo.

LUCA, Tânia Regina de. Diários pessoais – Territórios abertos para a História. In: PINSKY, Carla. **O Historiador e suas Fontes**. São Paulo, Contexto, 2009.

PACHECO, Anita. **A Companion to Early Modern Women's Writing**. Cambridge, Cambridge University Press, 2002.

PAUL, Mary. Frances Burney's Marketing of *Evelina* to a Gendered Market. In: PAUL, Mary. **Marketing Women's Writing in Eighteenth-Century England: the Consideration of Audience in the Works of Mary Astell, Lady Mary Wortley Montagu, and Frances Burney**. Dissertação (Mestrado em Inglês). Fresno. 101 p. 2005.

PEREZ, Natália da Silva. Lady Jane Lumley's Private Education and Its Political Resonances. In: KÄFER, Natacha. PEREZ, Natália. **Women's Private Practices of Knowledge Production in Early Modern Europe**. Londres, Palgrave Macmillan, no prelo.

RAMOS, Beatriz Rodrigues. ***Evelina, de Frances Burney*: romance de educação**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 86 p. 2022.

RODRÍGUEZ, Carmen M^a Fernández. Frances Burney and female friendships: some notes on *Cecilia* (1782) and *The Wanderer* (1814). **Journal of English Studies**, vol. 9, p.109-123. 2011. Disponível em: <<https://publicaciones.unirioja.es/ojs/index.php/jes/article/view/167>>. Acessado em: 17 ago. 2023.

VICKERY, Amanda. A Self off the Shelf: The Rise of the Pocket Diary in Eighteenth-Century England. **Eighteenth-Century Studies**, 2021, vol. 54, no. 3. p. 667–86. Disponível em: <<https://muse.jhu.edu/article/790246>>. Acessado em: 07 set. 2023.

WADDELL, Brodie. Writing History from Below: Chronicling and Record-Keeping in Early Modern England. **History Workshop Journal**, 2018, vol. 85, p. 239-264. Disponível em: <[https://eprints.bbk.ac.uk/id/eprint/20709/1/Waddell%20-%20Writing%20History%20from%20Below%20\(accepted%20ms\).pdf](https://eprints.bbk.ac.uk/id/eprint/20709/1/Waddell%20-%20Writing%20History%20from%20Below%20(accepted%20ms).pdf)>. Acessado em: 03 out. 2023.

WARD, Jennifer C. Letter-Writing by English Noblewomen in the Early Fifteenth Century. In: DAYBELL, James. **Early Modern Women's Letter Writing, 1450-1700**. Londres, Palgrave Macmillan, 2001.

WAXIN, Isabelle Lémonon. From Behind the Folding Screen to the Collège de France: Victorine de Chastenay's Privacy Dynamics for Knowledge in the Making. In: KÄFER, Natacha. PEREZ, Natália. **Women's Private Practices of Knowledge Production in Early Modern Europe**. Londres, Palgrave Macmillan, no prelo.

WILTSHIRE, John. Journals and Letters. In: SABOR, Peter. **The Cambridge Companion to Frances Burney Edited by Peter Sabor**. Nova Iorque, Cambridge University Press, 2007.